

PELAS SENDAS DAS MEMÓRIAS DE DOCÊNCIA, PESQUISA E GESTÃO

ENTREVISTA À PROFESSORA RISONETE BATISTA DE SOUZA

Bruno Ferreira Vicente¹
Murilo de Sousa Pereira²

Fazendo as devidas referências, nossa entrevista é com a Professora Risonete Batista de Souza. Possui graduação em Letras com habilitação em Português/Inglês pela Universidade do Estado da Bahia (1991), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1997) e doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2003). Hoje é Professora Titular aposentada da Universidade Federal da Bahia, da área de Filologia Românica. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Filologia Românica e em



Literatura Medieval; atua no ensino, pesquisa e orientação nas seguintes áreas: Edição e Estudo de Textos Manuscritos, Prosa Medieval, Retórica, Lírica Trovadoresca, Literatura Medieval Galego-Portuguesa, Literatura Medieval Românica, Galego-Português e Estudos do Léxico. É professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – PPGLINC –, do Instituto de Letras da UFBA. Foi vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos Medievais – ABREM, no biênio 2021–2023, além de coordenadora do GT de Estudos Clássicos e Medievais – GTECEM–, da ANPOLL, no biênio 2021-2023. É membro do Grupo de Pesquisa *Nova Studia Philologica*.

¹ **Bruno Ferreira Vicente** é discente de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). É mestre em Literatura e Cultura pelo PPGLitCult/UFBA. Ainda pela UFBA, possui bacharelado em Letras - Língua Estrangeira Moderna ou Clássica (Italiano). Neste momento, é o Editor-chefe da Revista Inventário. E-mail: brnfvicente@gmail.com

² **Murilo de Sousa Pereira** é discente de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), da Universidade Federal da Bahia. Pela mesma instituição, é graduado em Língua Estrangeira Moderna (inglês) e é graduando em Letras Vernáculas. Atua como editor da Revista Inventário. E-mail: murilopereira.wg@gmail.com.

- 1. Inicialmente gostaríamos que a senhora pudesse compartilhar conosco um resumo da sua rica trajetória acadêmica ao longo dos anos. Por que a escolha pela área de Letras? E as experiências e os desafios com as primeiras pesquisas ou projetos científicos? O que te inspirou, ou te conduziu, aos caminhos da Filologia? E, enfim, como poderia ser feito um panorama de sua passagem pela pós-graduação?**

A minha trajetória, na área do Magistério, foi por mal traçadas linhas. Fiz Magistério no Segundo Grau – atual Ensino Médio – e me formei em 1981 na cidade de Alagoinhas. Por que “mal traçadas linhas”? Porque, na verdade, eu vim do interior. Nasci na roça e, até os 12 anos, não tinha frequentado uma escola regular. Entrei direto na quinta série, no Colégio Santíssimo Sacramento (que era um colégio de freiras) e cursei da quinta série até o terceiro ano. Naquele ensejo, também fiz o Magistério lá.

Então eu fui sendo levada pela vida a partir das janelas de oportunidade; e isso é uma coisa que me toca muito trabalhando em educação no Brasil, isto é, o saber que neste momento temos muito mais oportunidades. A gente tem a educação chegando, mesmo ruim, mas está chegando. Contudo, na época em que eu era criança, no interior da Bahia, não chegava. A gente tinha, no máximo, escolas daquelas multisseriadas: um professor que normalmente não era formado, sequer magistério. Era alguém que sabia um pouco mais e dava aula para todo mundo – claro que ele não conseguia nem dar atenção para os diversos alunos, ou mesmo perceber se algum aluno tinha algum tipo de questão. Portanto, eu venho dessa realidade, que é uma realidade muito adversa. Podia dar errado para a maior parte das crianças que passaram por essa situação, ou até estagná-las ali. Mas, posteriormente, foi uma coisa que me ajudou e me possibilitou a chegar aonde eu cheguei.

Estudar no Santíssimo só foi possível com bolsa, pois o colégio era caro; no entanto, eu tinha uma tia que era freira lá e ela conseguiu essa bolsa para mim. Então, graças à tia Jovina, eu estudei.

O Magistério era o que eu podia naquele momento. Era, também, uma possibilidade de conseguir emprego maior, e eu era pobre, precisava estudar e depois trabalhar. Então, aos 19 anos, já formada em magistério, fui chamada imediatamente para ensinar no Santíssimo Sacramento e assumi duas turmas do primário: a terceira e a quarta série.

Daí, até meados de 1986, eu fiquei no Santíssimo Sacramento como professora e o meu percurso lá foi o seguinte. A partir do segundo ano, trabalhei só com a quarta série, depois, com a sexta e com a oitava, também. Assim, eu fui ampliando meu campo de atuação. Já em 1982, portanto, eu havia parado de estudar e apenas trabalhei.

Depois eu entrei na Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas –

FFPA –, tendo feito o vestibular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – em 1983. E aí, lendo sobre a história da implantação do Ensino Superior na Bahia, eu descobri que eu sou aluna fundadora da UNEB, pois a FFPA, juntamente com outras faculdades já pré-existentes, espalhadas pela Bahia (como a de Jacobina), foram anexadas para a formação da UNEB no ano em que eu entrei. Então, eu sou da primeira turma da UNEB.

Como o nome já dizia, era “de Formação de Professores”. Por que que eu fui para Letras? Bom, na verdade, eu poderia ir para qualquer área. Eu era boa em Matemática, excelente em Física. Não gostava muito de Química, mas eu era boa aluna em tudo porque eu gostava do conhecimento. Sobretudo, eu gostava muito de História, e tinha uma facilidade muito grande com Literatura, pois gostava de ler romances, contos, poesia. Eu sempre achei estudar gramática muito chato. Sempre achei muito chato e não me via sendo professora de gramática, mas a vida me obrigou a ser professora do primário e eu fui ensinar gramática.

Entrar na Universidade foi um divisor de águas porque uma coisa era a pessoa que tinha feito o curso de Magistério e tinha aprendido o que é que deveria se ensinar e como ensinar. É claro, o Santíssimo Sacramento era conteudístico e muito militarizado no sentido de que os alunos tinham que ficar quietos, ao passo que eu senti essa realidade aos poucos e tentei transformar, também. Então, como lidar com os alunos muito “danados”? Eu tinha que arrumar uma forma de encantá-los com o conhecimento para dar vazão ao extremismo. Então, foi um desafio trabalhar na “escola mais importante da cidade”. Eu tive uma estafa no primeiro ano trabalho. Mas, foi também prazeroso e aí foi interessante que eu me descobri uma excelente professora de Português. E uma professora de Matemática não tão boa. Por quê? Porque eu não tinha paciência de esperar os alunos solucionarem as questões. Eu fazia matemática muito rapidamente. E Português, como eu não gostava, eu fui criando estratégias para transformar as aulas em alguma coisa mais interessante para os meus alunos.

Dessa forma, os meus alunos deslancharam em Língua Portuguesa de tal forma que era visível à escola. A partir do segundo ano, também me tornei professora de Estudos Sociais, pois a gestão do colégio dividiu, para atuar na quarta série, um professor de Matemática e Ciências e um professor de Português e Estudos Sociais. Assim, eu já comecei definindo qual seria a minha área de atuação ali. Por outra razão também: eu só tinha o turno da tarde para estudar e, à tarde, a Faculdade de Formação de Professores de Alagoinha só oferecia o curso de Letras. Não tinha problema com cursos de Letras, nem com o de Matemática, nem de nada. Apenas não gostaria muito de ter feito Ciências. Podia-se dizer que “são informações importantes”, mas eu não queria gastar minha energia com essa coisa de Biologia. Isso não me encantava. Mas, eu

gosto mesmo é das Humanidades, das Letras. É isso que me que me enchem os olhos.

Então, fui ser professora. Por que foi um divisor de águas? Porque eu comecei a redimensionar o que era importante ensinar em Letras, e aquilo que era uma intuição se transformou num objetivo de vida: trabalhar para me tornar uma professora melhor e fazer apologia disso. Assim, depois que eu saí do Santíssimo Sacramento e fui para a Fundação José Carvalho, um outro desafio na minha vida.

Foi a minha primeira professora de Português na UNEB que me chamou para trabalhar com ela na Fundação José Carvalho. A Fundação José Carvalho, em Pojuca, na Bahia, naquele período, tinha um sistema de internato com alunos muito inteligentes que eram garimpados das escolas públicas de várias cidades de alguns estados aqui do Nordeste: Bahia, Sergipe, Pernambuco etc.

Era um ensino individualizado e com um sistema de internato. Os alunos moravam lá e os professores davam as suas aulas segundo os módulos que a Fundação provia. A seleção de discentes também era um desafio. Esse processo me ajudou a ser uma melhor avaliadora. A Fundação fazia provas de Português e Matemática. Chamavam os cem melhores para ficar por três semanas no mês de fevereiro para poder selecioná-los. Com Português, nós não fazíamos uma prova nem nada do tipo. No máximo, fazíamos textos e a avaliação era bem dinâmica. Portanto, foi uma experiência magnífica, primeiramente pelo desafio. Além do mais, o programa da Fundação José Carvalho era um programa invertido. Os alunos trabalhavam com textos, depois trabalhava na área de artes (literatura, cinema, teatro etc.). Depois, no último ano, é que eles faziam análise da estrutura da língua, dos módulos de gramática.

Esse programa era muito interessante e era maravilhoso ver um aluno que entrou com dificuldade em Português, no primeiro ano, chegar no último módulo de Língua Portuguesa, que era o de Fonética e Fonologia, e fazer todo o módulo analisando letras de músicas de MPB, de uma forma brilhante.

Então a Fundação trouxe a mim a prática daquilo que era a teoria, que a Universidade me trouxe. Depois daí, já formada em Letras pela UNEB, eu entrei imediatamente como professora substituta de Estágio de Língua Portuguesa por dois anos. Qual era a minha grande vantagem? Eu ter essa experiência vasta em vários tipos de ensino e ter essa preocupação, pois sempre me preocupei. Inclusive havia debates muito grandes com as colegas que eram professores há muito tempo, que estavam fazendo um curso só para ganhar um diploma.

Por que tudo isso é importante? Porque isso vai determinar a minha trajetória, inclusive dentro do Instituto de Letras da UFBA. Porque, para mim, ensinar e atingir a educação básica é fundamental. Dessa forma, isso moldou a minha prática e estabeleceu os meus horizontes. Eu pude reafirmar que eu sou fruto de uma sociedade excludente,

aonde a educação não chegava para todos e que eu precisava trabalhar por essa educação chegando para todos de maneira melhor. Então, foi lá onde eu comecei como professora de metodologia, ministrando Estágio II. Eu acompanhava trinta e poucos alunos de estágio, por semestre, e os visitava três ou quatro vezes em sala de aula, a depender do problema. Enfim, era um trabalho muito interessante, o qual eu gostei muito de fazer. Mas aí, vieram os concursos no início dos anos 1990. A abertura de concursos começou a abrir devagarzinho aqui na UFBA. Foi um tempo quando a UNEB abriu concursos, a UEFS, também, e então eu comecei a pensar nos concursos.

Traçaram para mim o ser professora de metodologia para sempre. Eu não gosto que tracem os meus caminhos. Eu quero descobri-los. Eu posso ser convencida, posso ser de alguma forma seduzida por alguma área. Sendo assim, a última disciplina que eu fiz do curso de Letras da UNEB foi Filologia Romântica com a Rosa Borges. Rosa, mais jovem do que eu, era recém-concursada. Até hoje ela fala que foi chocante me encontrar porque eu a encontrei e falei assim “OK, você vai dar aula de Filologia mesmo, né?”. No momento ela não tinha entendido do que se tratava e depois que a secretária da graduação a explicou. Na verdade, a gente tinha tido uma professora substituta de Filologia no semestre anterior, porém ela chegou lá e não deu aula de Filologia. Como representante estudantil, eu participei do processo de elaboração do projeto da licenciatura plena e sabia o que tinha lá.

E aí os colegas diziam “Risonete, você não fale nada não porque a gente quer terminar o curso”. E eu dizia “gente, mas ela não está ensinando Filologia”, “gente, isso não é filologia”. Além mais, a substituta era super preconceituosa, falava que “a Bahia era o fim do mundo” e que “o interior da Bahia”, então, “era o nada” e que nós “éramos todos muito estúpidos”. Eu não tinha ido para a primeira aula, pois trabalhava muito, e quando cheguei, fui logo recebida com essa história de que “essa mulher estava nesse nível”. E aí as colegas diziam “não, você não faça nada, não”. Mas é claro que eu não agüentei. Chegou um momento no qual eu me retirei da disciplina, fizemos uma denúncia, houve um processo e tudo mais, até que ela foi demitida sumariamente. Foi nesse contexto que conheci Rosa Borges.

A Filologia realmente me chamou a atenção porque era uma dimensão que eu não tinha tido até então no meu curso, que era a história da língua. Como é que foi esse processo de implantar uma língua? Que língua é essa que a gente tem aqui e cuja história eu não conhecia? E isso não tinha vindo para mim, até então. Foi a Filologia que me trouxe isso, sim. Eu gostava de história, meu coração ficou balançado e aí veio Rosa com o “canto da sereia”: “por que você não faz concurso na área de Filologia? Você é muito boa!”. Abriu uma seleção para concurso em Feira de Santana, fiz e perdi. Abriu a seleção para a UNEB, fiz, fiquei em segundo lugar, foi então que o campus da UNEB de

Jacobina me chamou, eu fui dar aula de Filologia lá. E aí abriu o daqui da UFBA. Eu já estava cursando como aluna especial. Eles abriram para Mestre e depois sem Mestrado. Primeiro uma e depois outra vaga, ambas para Dedicção Exclusiva. No tempo, Rosa havia me dito “eu vou fazer para ficar na de 20 horas e você faz para a de 10h”. Eu havia dito à Rosa “eu não piso no chão, eu não tenho a menor condição. É UFBA, não vai”. Eu já era aluna especial do Professor Nilton Vasco da Gama. Ele me chamou e disse “você tem condição de fazer e faça”. Eu falei “mas eu vou passar vergonha”. Ele respondeu dizendo: “Não! Mesmo se você não passar, é ótimo para o seu currículo”. Eu fiz, passei, e entrei juntamente com a Rosa. Fomos as duas mais bem colocadas, mas eu fui “a grande zebra” daqui.

Pronto, de uma hora para outra estava eu na UFBA, que nunca foi o meu sonho, nem estava nos meus horizontes, dada a minha história. O que me chama atenção inicialmente na UFBA e que vocês vão ver que tem relação com a minha trajetória? É justamente o fato de que aquela UFBA, se ela é elitista hoje, ela era muito mais elitista naquele momento. Então eu estava diante de uns alunos que vinham de uma realidade socioeconômica, em sua maioria, melhor. Quase que não havia alunos muito pobres. Havia uns ou outros ousados, como a própria Rosa. É um caso de ousadia, o vir da periferia. Mas, era muito raro um aluno encontrar um professor que fosse dizer “você é muito bom, você pode fazer”. Quem podia fazer o vestibular da UFBA, que era um vestibular absurdamente difícil? A título de informação, depois de sair da Fundação, eu fui professora do colégio Dínamo, que preparava para o vestibular da UFBA. Tínhamos que fazer questões-UFBA para ensinar o aluno como funcionava o sistema. Era um vestibular muito difícil.

Então, era um curso elitista e a coisa que me chamou atenção, é que eu havia entrado numa faculdade de formação de professores. Meu curso era muito pensado para o ensino lá na UNEB e aqui, zero de ensino, era só conteúdo. É claro que a gente precisa dos conceitos. Eu também não sou desses que dizem “ah, você tem que entrar logo na sala”. Espera aí! Não é assim. Você precisa estudar, precisa dos conceitos fundamentais e precisa estar bem-preparado para ser um bom professor. Não é só intuição, isso não funciona. Funciona com algumas pessoas, mas porque elas vão em busca do conhecimento a partir da intuição de solucionar os problemas.

O curso aqui era um curso para bacharelado e não se falava em educação, não se falava em ensino. E é claro, eu entrei aqui como uma professora iniciante e eu fui nesse caminho, pois tinha que cumprir as ordens da área, da linha.

E aí eu fiz mestrado e passei para o doutorado da USP. Fiquei afastada por quatro anos. Quando eu retorno, eu entro para o colegiado. E aí eu fui entender como é que era esse curso de letras. E aí é quando eu descubro que, na verdade, nós não

formávamos principalmente o bacharel, aquele que vai ser o futuro pesquisador, nós formávamos licenciados. 95% dos alunos que saíam daqui saíam com licenciatura, ou aqueles que saíam com bacharelado muitas vezes voltavam para fazer a licenciatura porque é o que tinha no mercado. Então, nós já temos um maior número de alunos. Esses alunos vêm cada vez mais de outros lugares. Logo, não são meninos ricos, exatamente. Enfim, mas aquele quadro já estava começando a mudar. Quando eu retornei, comecei a encontrar mais alunos da periferia em minha sala de aula. E aí nós fomos fazer nos meus primeiros dois anos de gestão, pois a minha vida na universidade foi muito menos pesquisa e muito mais gestão.

Justamente imbuída de fazer esse trabalho, que sentia que era necessário, que eu quis dar a esse curso a verdadeira cara que ele tinha. Qual era a importância desse curso? Vão sair daqui grandes cientistas da nossa área, porém a maior parte das pessoas saem professores e vão atuar. E esse impacto social sempre é colocado em segundo plano nas universidades brasileiras, inclusive nos discursos dos pesquisadores da historiografia da área.

É como se formar o professor secundarista fosse um objetivo menor, algo que estava lá nos objetivos das faculdades de filosofia, lá dos anos 1930. Isso é de uma importância enorme em um país que não tinha educação básica, regular e ampla. Então, é esse voltar-se a essa formação da elite, uma elite que não está muito preocupada com essas questões é que é um problema. Portanto, isso foi que pautou a minha primeira gestão. Assim, nos dois primeiros anos avançamos com o projeto político pedagógico que está em vigor hoje e passei mais dois anos implantando um novo currículo. A segunda gestão minha foi de implantação do novo currículo. Naquela época, eram três colegiados, e eu era coordenadora do colegiado de Letras Vernáculas, orientava e guiava as minhas colegas que estavam entrando com os outros cursos na implantação do novo currículo.

Inicialmente, a minha pesquisa foi em função da necessidade, pois eu era professora em regime de Dedicção Exclusiva e tinha uma pesquisa para ser feita: foi a do Mestrado, primeiro. Depois eu tive a pesquisa do Dourado, entretanto ela não era central na minha vida, porque, quando eu retornei, eu fui cooptada imediatamente para assumir o colegiado – e, sim, eu senti uma alegria muito grande de ter trabalhado no colegiado. Então, de alguma forma, eu fui me enveredando no caminho da gestão, de modo que minha pesquisa ficasse em segundo plano.

Em 2007, já estava as tratativas do REUNI, eu fui chamada pela Pró-Reitoria de Graduação para fazer parte da equipe que auxiliaria o Pró-Reitor na implantação do REUNI. Foi um momento que pude compreender como a UFBA funcionava inteiramente porque tivemos que pensar nos horários, cursos e analisar os novos

currículos que estavam chegando para implantação do REUNI. Desse modo, a pesquisa foi sempre um segundo plano, embora me desse uma alegria muito grande fazer a pesquisa.

E, claro, quando eu voltei do meu curso de Doutorado, eu ingressei como docente na Pós-Graduação. Inicialmente, só para dar aula, mas depois tive a sorte de ser orientadora de Arivaldo Sacramento de Souza, que foi uma alegria muito grande.

2. Como suas pesquisas fizeram com que a senhora chegasse aos trovadores medievais Pero da Ponte e Martins Soares?

Sempre gostei de história e para estudar a história das línguas românicas, você tem que ir para a Idade Média, pois é o momento da formação das línguas, quando elas começam a aparecer escritas, depois tornam-se línguas de cultura e línguas literárias. Então, necessariamente, eu estava falando da história das línguas românicas. Eu transitava nesse espaço muito complexo e não gosto de ficar sem respostas para as questões que encontrava. Então, fui para essa área, até porque ela era um desafio. Nós tínhamos aqui, na Filologia, um grupo muito forte trabalhando com edição crítica.

O professor Nilton Vasco da Gama gostava dessa área, mas não era uma coisa com a qual ele queria trabalhar.

Ele gostava da Idade Média. Como ele era meu orientador, foi em uma conversa nossa que ele falou: “Você gosta disso, né? É interessante, ninguém aqui quis trabalhar com isso”. Quer dizer, a professora Célia Marques Telles trabalhava com pesquisa em língua, assim como Teresa Leal Gonçalves Pereira trabalhou um pouco. Estava todo mundo seguindo para a Crítica Textual e deixando a parte da reflexão sobre a língua, do conhecimento da língua medieval. Foi por isso que eu resolvi seguir este outro caminho.

Embora meu primeiro projeto de pesquisa aqui tenha sido com Arthur de Salles, logo depois, eu conduzi o projeto com Pero da Ponte e o estudo da língua medieval. Eu precisava me aproximar dessa língua do medievo para depois ser capaz de avaliar direito esses textos. Ou seja, usei o *corpus* de Pero da Ponte. Mas, é claro, a Literatura sempre me encantou; sempre gostei de Literatura. Normalmente, quando você entra aqui em Letras, pergunta-se se você gosta de Língua ou de Literatura e você tem que escolher uma e esquecer a outra. Eu gostava sobretudo de Literatura, mas eu aprendi a gostar de Língua quando olhei para a língua de outra maneira. Eu gostava das duas formas. Por isso segui pela Filologia, pois me permite a possibilidade de atuar na interface. Assim, fiz seleção para o Doutorado na USP (Universidade de São Paulo), para o Programa de Literatura Portuguesa, a fim de desenvolver um projeto sobre literatura medieval. À época, a minha orientadora questionou-me sobre o que eu fazia

ali, pois tudo o que eu tinha feito era na área de Língua. Eu, então, lhe disse: “Sou da Filologia. A senhora viu que eu atuo na área de Filologia, não viu? E o filólogo atua na interface. Pois bem, agora eu vim fazer a interface na Literatura”.

3. Dentro de sua trajetória enquanto docente, tendo atuado na Universidade do Estado da Bahia, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA), no antigo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL/UFBA) e agora no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC/UFBA), quais foram os principais temas, projetos ou áreas de interesse que a senhora explorou ao longo do tempo? Quais resultados a senhora destacaria dessa experiência?

Como comentei anteriormente, à princípio não me envolvi tão fortemente com pesquisa, embora eu ficasse sempre gravitando entre a pesquisa e a sala de aula. Quando comecei, orientei Arivaldo Sacramento e Itatismara Medeiros, que desenvolveram trabalhos na relação entre Léxico e Idade Média. Como trabalhei com Léxico no mestrado, continuei nessa linha, embora também estivesse aberta a possibilidade de eu atuar com edição.

A questão é que nós somos um centro de pesquisa na área de história da língua: (i) tivemos a Professora Rosa Virgínia Mattos e Silva; (ii) tivemos o primeiro Atlas Linguístico do Brasil; (iii) aqui, foi implantada a pesquisa que tem um viés sociolinguístico, com o Projeto de Estudos da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC), que foi capitaneado pela Bahia, e cuja ideia foi trazida pelo Professor Nelson Rossi. Assim, nos desenvolvemos em várias vertentes: fomos para a geolinguística, para a sociolinguística – que será aprofundada mais tarde pelo Professor Dante Lucchesi, após ter passado por professores como Nelson Rossi e Rosa Virgínia Mattos e Silva.

Infelizmente sinto que é uma área que está minguando e vejo uma tendência a desaparecer no futuro, provavelmente porque somos poucos docentes para muitas demandas e já não há o interesse de língua portuguesa, grupo que sustentava as pesquisas em história da língua, haja vista a entrega da disciplina Língua Portuguesa no Domínio da România para o setor de Filologia.

Então o que eu vejo na Pós-Graduação é uma mudança completa e total daquilo que são as áreas de interesse. O antigo Instituto de Letras, que fez história e que se projetou, não vai mais existir. Não que essas novas pesquisas e interesses não possam nos projetar também, mas, neste momento, acredito que estejamos assistindo a uma morte lenta e gradual.

Além disso, os estudos filológicos quase morreram no Brasil. Temos que entender o que temos hoje de estruturação do pensamento científico bebe do

Positivismo. Embora façamos críticas ao Positivismo do século XIX, por ter compartimentalizado o conhecimento, foi isso que fizemos ao separar: temos Letras de um lado e Linguística do outro. O que é Letras e o que é Linguística? Eu realmente não consigo atender para essa divisão porque quando estamos falando de um texto, não importa que texto é esse: se é literário ou se não é literário. Isso não importa. Não consigo fazer uma análise linguística boa de um texto se eu não conseguir, também, entender o texto do ponto de vista do conteúdo.

É imprescindível que se pegue um texto para dissecar sua parte linguística, entendendo que ele faz parte de um contexto de produção, que foi produzido por alguém num determinado momento, com um certo objetivo dele ou do grupo (seja por contestação ou para fortalecer uma ideia); saber se foi aceito para publicação, se não foi; se circulou ou não circulou, suas características estéticas, o que estava em jogo naquele momento em que foi criado. Então, por que eu tenho que compartimentalizar? Não consigo compreender isso. Acredito que porque sempre me preocupei com a questão da história: o porquê de estar aqui e quando chegou aqui. Eu só consigo ter uma visão holística, que é o que dizemos tanto que é importante neste momento, mas não fazemos na academia.

E estamos perdendo porque estamos compartimentalizando: é o aluno que só faz histórias da língua ou só faz sintaxe, o outro só faz morfologia, o outro só faz léxico etc., então eu questiono: como é que se entende o léxico de um texto medieval sem entender a sintaxe? Não dá. Sem entender a morfologia? Sinto que esse é o grande problema.

A Filologia era, no início da década de 1920, a grande ciência-mãe da área das Letras e, com o advento da Linguística, ela foi escanteada. Houve, inclusive, embates entre filólogos e linguistas, e isso é que gera esse afastamento da Filologia. Ela volta agora só como edição crítica.

Depois, felizmente, por conta da necessidade de estudar documentos escritos e orais da pesquisa da história da língua portuguesa no Brasil volta a questão da necessidade e o interesse pela Filologia, mas uma Filologia aplicada. A teoria e essa visão mais ampla não são percebidas. Cada grupo está trabalhando, sim, com a Filologia, mas aquela aplicada, e isso nós temos aqui na UFBA. Contudo, com essa visão geral, mais ampla, isso é raro.

- 4. A senhora tem-se dedicado aos estudos que compreendem a relação entre a Filologia e os Estudos Medievais. Entendendo que o contexto medieval não nos toca diretamente – uma vez que a colonização das Américas ocorreu já na Idade Moderna –, bem como o interesse brasileiro pelos estudos medievais tenha despontado nas últimas décadas do século XX, como a senhora percebe a relação entre essas duas áreas? É possível destacar, a partir de um recorte nacional, a**

importância dos Estudos Medievais que foram e são desenvolvidos em nossa instituição, mais particularmente no Instituto de Letras?

É nos anos de 1990, que criamos a ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais), da qual sou vice-presidente. A ABREM congrega a área de Letras, mas não é a principal: é, também, da História, da Filosofia e das Artes. Eu fui vice-presidente da ABREM no mandato anterior.

A Idade Média é uma noção muito mais ampla do que a percepção de que seja como um fenômeno puramente europeu. Ela é muito mais ampla, e, para compreendê-la, precisamos extrapolar o ambiente europeu e ir adiante porque se olharmos para outros lugares podemos observar reverberações do medievo. O que seria uma estrutura medieval? É uma estrutura em que, do ponto de vista governamental, você não tem um governo central e os poderes estão fracionados, emergindo os poderes locais e cidades-estados. Olhemos agora para o Brasil dos coronéis: não é exatamente igual, mas se pensarmos na estrutura política e econômica que a Idade Média gerou, podemos compreender como isso acontece também nos outros lugares. Outros exemplos seriam as capitanias hereditárias: o Brasil foi pensado a partir da fragmentação de poderes, uma vez que os senhores das capitanias controlavam suas terras e aplicavam a justiça.

Estudando a história do Brasil, podemos ver que a colônia foi mantida fragmentada e as províncias separadas, pois não havia o interesse de Portugal no intercâmbio entre as províncias para que elas não o contestassem. Então, foram mantidos fragmentados dessa estrutura medieval aqui dentro e com uma economia rural, mesmo com uma larga produção de cana de açúcar.

A escola no Brasil no século XIX é de uma pobreza absurda, havia somente em pouquíssimos lugares. Foi somente no início do século XX que tivemos a primeira universidade brasileira que prosperou, que hoje é a UFRJ. Ela foi de 1920.

Além dos aspectos de uma organização política, podemos citar outros exemplos de ordem cultural, como os heróis. Continuam os mesmos heróis, porque pegamos aquela ideia de herói que estava nas sagas nórdicas e celtas que circularam ao longo da Idade Média e a trazemos para as produções literárias no Brasil. Temos uma pesquisa importantíssima aqui na Universidade Federal da Bahia a respeito da literatura popular, em que as pesquisadoras foram buscar justamente essas narrativas populares que circulavam aqui no país, pois são, em sua maioria, de origem ibérica e foram readaptadas ao nosso ambiente. Desse modo, temos toda uma matriz cultural-medieval.

5. Os estudos das medievais na contemporaneidade permitem percebermos que não somos tão modernos assim, sobretudo quando pensamos em comunidades ligadas ao cultivo de terra, às poéticas orais e à religiosidade. Nesse sentido, por

que ainda vale a pena estudar a contemporaneidade das tradições mediélicas?

O conceito de Idade Média sob o qual sempre operei (sobretudo a partir do Doutorado, que é quando amplio mais minhas leituras sobre esse período) é o de Jacques Le Goff. Esse é um conceito amplo. É Idade Média até se ter a Revolução Industrial, até o homem sair do campo e ir para a cidade. Eu sou camponesa, venho do campo, e toda minha cultura é uma cultura oral, uma cultura em torno dos ciclos da Terra, ou seja: dos verões e dos invernos; do tempo de chuva ou tempo de seca. Então, uma das coisas que me encantou foi descobrir, quando olhei esses textos medievais, que a linguagem dos meus antepassados (da minha avó, das minhas tias, das vizinhas, as pessoas mais velhas) era a que estava lá nos textos desse período. Boa parte do que havia nesses documentos, eu sequer tinha problema de entendimento (assim como os metaplasmos, que estão na linguagem popular e são muito comuns na língua medieval) porque aquilo fazia parte da minha infância. Embora hoje tenhamos mudado por conta do padrão linguístico, eles estavam lá na fala, e eu os reconhecia.

Eu me enveredei por essa percepção, de que eu sou uma mistura. Explicarei melhor: uma parte da minha família é de origem europeia, a minha avó paterna é de origem indígena; vamos descobrindo que somos uma mistura muito grande e que tudo isso faz parte da nossa história.

Recorro à Idade Média para entender a nossa cultura, o nosso modo de vida: uma sociedade muito religiosa que vem da estrutura teocêntrica que se estabelece ao longo da Idade Média e vai se tornando cada vez mais forte (pois, da Idade Média central para a baixa Idade Média, a igreja ganha um poder muito grande por conta da inquisição, haja vista que as primeiras fogueiras são acesas no início do século XIII). Entender toda essa estrutura e como deu-se a construção da cultura e dos valores ideológicos desse acidente, isso a Idade Média me responde muito mais do que qualquer coisa.

Pode ficar parecendo que, buscando lá na Idade Média, eu esteja descolada da realidade. Infelizmente, nós estamos avançando para algumas posições mais medievais neste momento, no sentido de fechamento, de fundamentalismo. Temos um momento de respiro no Ocidente e depois temos um fechamento. É muito cíclico.

- 6. O seu projeto de pesquisa mais recente, *Memórias do Instituto de Letras*, visa trazer à luz uma série de documentos esquecidos ou por pouco descartados que nos informam a respeito da vida do Instituto de Letras; assim, como nasceu a iniciativa desse projeto? Quais desdobramentos ele tem projetado?**

A percepção de que precisávamos resgatar a história do Instituto de Letras da

UFBA nasce na minha da minha condição de diretora, pois estive nessa situação do final de 2010 até 2018. Foram, portanto, dois mandatos consecutivos, justamente no momento em que estávamos fazendo os concursos do REUNI, a ampliação de espaço físico, comprando os imóveis, computadores e as coisas necessárias para infraestrutura. Fiquei, então, muito voltada para essas questões que visavam a ampliação e avanço do ILUFBA.

Foi então que percebi que não tínhamos um arquivo e que muitas pessoas descartavam os documentos, pois não havia no Instituto um espaço em que esses papéis pudessem ser guardados. Eu queria mexer nisso, mas não achava tempo. Assim, pouco antes de terminar minha gestão, eu já pensei: “agora vou ter tempo; não vou mais para administração, então vou me dedicar à pesquisa; vou elaborar um projeto de pesquisa”. Então, eu saí da direção no fim de 2018 e, no ano de 2019, logo no primeiro semestre, entreguei o projeto de pesquisa para que pudesse ser aprovado.

Ainda em 2018, consegui que a Congregação liberasse uma sala do Instituto para a organização dessa documentação. Tão logo conquistamos o espaço, tive a ajuda de dois estagiários e começamos a fazer a triagem do material, bem como a sua organização. Uma coisa que é importante destacar é que para organizar esse tipo de material precisamos de um profissional da área. Eu pensei: “bom, não vou estudar arquivologia neste momento, não é esse meu objetivo; o que posso fazer como filóloga é tentar salvar os documentos mais importantes”.

Um outro fator importante para a construção desse projeto é que fomos perdendo, ao longo desses anos, os professores antigos, pois foram se aposentando e se afastando. Ademais, o que mais nos afetou foi o falecimento da Professora Rosa Virgínia Mattos e Silva, em 2012, e da Professora Suzana Alice Cardoso, em 2018. Assim, perdemos muito de uma memória viva do Instituto, pois estamos com um quadro docente bastante renovado, haja vista que quando saí da direção de Letras, tínhamos pouco mais de 30 professores dos anos 1990, enquanto todos os outros já eram dos anos 2000 e alguma coisa, ou seja, eram, em sua maioria, do REUNI.

E precisamos preservar essa memória, até porque temos uma história muito importante, afinal fizemos o primeiro atlas linguístico no Brasil. Agora, que eu entrei nessa pesquisa, estou descobrindo que, na verdade, não fizemos somente o primeiro atlas, fomos também o primeiro local de pesquisa em linguística que prosperou e que tem frutos até os dias de hoje. O ALIB (Atlas Linguístico do Brasil) nasceu da pesquisa em geolinguística antes de a linguística ser uma disciplina dos cursos de Letras – o que só ocorreu a partir dos anos 1963, de maneira que o parecer que inclui linguística como disciplina obrigatória nos cursos de Letras é de outubro de 1962 –, uma vez que, em 1957, Nelson Rossi já dava aula de linguística aqui, na disciplina língua portuguesa (ele

precisava preparar os alunos para fazer a pesquisa de campo, então ele deu aula de fonética e fonologia aqui na UFBA). Além disso, o primeiro laboratório de fonética do Brasil implantado e que funcionou foi o nosso e graças a ele foi possível fazer o Atlas.

Depois descobro que foi Nelson Rossi quem fez as tratativas com o grupo de linguistas interamericano, o que criou o NURC (Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta). E é de se entender o porquê de o NURC ser necessário nos países de língua espanhola, porque o espanhol é uma língua policêntrica; e o português brasileiro também o é, porque, se pensarmos “qual é a norma culta brasileira?”, teremos o mesmo problema de pluricentrismo, haja vista que, a nível de exemplo, se pegarmos o português brasileiro falado no Ceará e no Rio Grande do Sul, temos uma diferença gigantesca.

Então veja que são coisas interessantes que nós começamos a fazer aqui na Bahia. E o mais interessante é que não era uma pesquisa individual, aqui houve uma preocupação em formar pesquisadores. Nossa pesquisa rendeu frutos, ela ampliou o leque. É nesse sentido que fizemos pesquisa nesse *caris* moderno de uma montagem de uma estruturação de pesquisa, que vai formar novos pesquisadores e que vai extrapolar os limites da instituição.

Embora pesquisadores de instituições do sudeste reclamem para si seus lugares de início das pesquisas linguísticas no Brasil, como pesquisadores que afirmam que a pesquisa em linguística só se iniciou em 1968 no Brasil, descobrimos o contrário aqui.

Claro, não podemos nos esquecer que a pesquisa linguística de maneira institucionalizada, com Pós-Graduação etc., surge no Sudeste, mas, antes disso, já fazíamos pesquisa: nós fizemos atlas linguístico, fizemos a recolha de todo um material, que mais tarde será tratado pela USP (Universidade de São Paulo) e subsidiará estudos e trabalhos vários.

Quando a professora Silvana Ribeiro defendeu seu memorial para Professora Titular, eu era a presidente da banca e a professora Dinah Callou foi uma das convidadas. Dinah Callou foi aluna desta casa em sua graduação e foi orientanda do professor Nelson Rossi quando fez mestrado em Brasília.

Durante a defesa do Memorial da professora Silvana, Dinah Callou, em sua arguição, diz que a pesquisa linguística no Brasil nasceu na Bahia. E ela fez parte disso. Foi, então, a partir dessa sua fala que direcionei minha pesquisa para entender esse fato.

Assim, senti que precisávamos resgatar essa memória. Então, para entender como foi que o Instituto de Letras implementou tal atividade, tive que entender como se deu a existência desse curso, porque o curso foi reconhecido em 1944. A UFBA não existia naquela época; ela é de 1946, quando ainda era chamada Universidade da Bahia. Nosso curso surgiu antes da Universidade da Bahia.

Em 1941 foi criada a Faculdade de Filosofia da Bahia, nesse momento Letras estava vinculada a essa faculdade; em 1942, o MEC (Ministério da Educação) avaliou os projetos pedagógicos e os aprovou; em 1943, foi autorizado o início dos cursos – mais precisamente no dia 01 de abril de 1943; e, em 1994, os cursos são reconhecidos. Desse modo, com a fundação da Universidade da Bahia em 1946, juntou-se a Faculdade de Filosofia, a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Direito, a Politécnica, e a Faculdade de Economia.

Tudo isso formou a Universidade da Bahia, que foi a primeira universidade no estado. Com o tempo, ela foi se ampliando, criando outros cursos e se dividindo. Em 1968, ela foi reestruturada, passando a ter, salvo engano, 24 unidades universitárias. Foi nesse momento que houve a divisão do que seriam as Escolas e as Faculdades profissionalizantes e os Institutos Básicos, aqueles que fariam pesquisa básica e não aplicada.

O decreto que reestrutura a Universidade Federal da Bahia é de 1968, mas o desenho dessa estrutura é de 1966, ou seja, dois anos depois da Ditadura Militar. Uma questão que me indaguei: “Bom, então fomos reestruturados em 1968, na época do AI-5 (Ato Institucional Número Cinco)”?

Foi e não foi. Em 1960, foi criado um grupo de estudo dentro da Universidade da Bahia – naquela época ainda era Universidade da Bahia, só passou a ser Universidade Federal da Bahia a partir de 1965 – a fim de reestruturar a universidade. Havia um movimento de reestruturar, uma vez que não se queria aquela estrutura hierarquizada. Houve, inclusive, uma grande discussão de onde reunir os cursos, onde colocar o Campus ou os Campi etc. Contudo, não aconteceu de ser reestruturado nessa lógica nossa, isso acontece já dentro do governo militar. Então, sim, o processo de reestruturação deu-se de cima para baixo, mas já estávamos discutindo aqui. Foi nesse momento que ocorreu a separação dos cursos, porque Matemática, Física, Química, História, Letras etc, tudo estava dentro da Faculdade de Filosofia. Assim, esses cursos formaram os Institutos básicos. De alguma forma, essa divisão cumpre um objetivo interessante: imagine deixar tantos estudantes de tantas áreas juntos. Podia gerar certo enfrentamento do regime da época. Separar foi, então, um processo de evitar a contestação e o enfrentamento.

7. Qual o lugar da Filologia no cuidado com a preservação e com o tratamento dessa memória material do Instituto, a fim de que se possa construir uma consistente narrativa da história do Instituto de Letras da UFBA?

Eu comecei a mexer com documentos e com arquivo, então parecia que eu estava mais indo para arquivologia, entretanto, desde a concepção da pesquisa, a abordagem

adotada foi filológica. Estou encarando cada um desses documentos como um texto, que foi produzido por alguém dentro de uma estrutura, com um objetivo e com uma história. Então, olhei para esses textos com esse olhar e não do ponto de vista arquivístico. Eu até fiz alguns trabalhos arquivísticos, como, por exemplo, classificar e organizar as cadernetas. Contudo, o objetivo não era organizar, porque, para organizar o espaço como um arquivo, a Universidade tem que providenciar o profissional, essa que é a realidade. Vou poder ajudar um pouco, mas não é meu objetivo principal. Meu objetivo é ver, naquela massa documental, aquilo que é importante para narrar essa história do Instituto de Letras.

Os 3 primeiros anos foram de tomar pé dessa massa documental. Estávamos na primeira fase do projeto, que é “Memória do Instituto de Letras (Parte 1)”, em que eu queria fazer essa triagem aqui dentro. Veio, infelizmente, a pandemia e fomos obrigados a trabalhar fora da Universidade. Foi um momento em que fizemos pesquisa bibliográfica, levantando os documentos que já estavam *on-line* e tentando entender como foi o processo de implantação do Ensino Superior de um modo geral e dos cursos de Letras.

Agora estamos na segunda fase do projeto, em que estamos elegendo os documentos de guarda permanente que podem narrar sobre essa estrutura. Qual é o documento que melhor nos apresenta isso? As atas. Estamos, então, preparando a edição filológica do conjunto das primeiras atas da estrutura do Instituto de Letras da UFBA: o livro de Atas da Congregação, o livro de Atas do Conselho Departamental – um órgão que existia naquele momento – e os livros de Atas dos Departamentos (Letras Vernáculas, Românicas, Germânicas e Clássicas).

Neste momento, estamos editando as Atas do Departamento de Letras Vernáculas. Para além de Vernáculas, encontramos os departamentos de Linguística, Teoria da Literatura e História da Literatura. Essas eram as ciências novas que entraram para o currículo dos cursos de Letras a partir de do parecer 283/1962 do Conselho Federal de Educação (CFE).

Desse modo, editamos essas Atas para entender quem eram essas pessoas que estavam envolvidas nesse processo, o que elas fizeram, quais eram os problemas que enfrentavam etc. Já estamos encontrando alguns problemas. Enfim, é um documento institucional; e, como sabemos, vai constar na Ata o que a maioria aprovou. Contudo, essa é a única coisa que nos restou.

Sei que, com essa pesquisa, não tenho condições de esgotar o tema. Por isso, estou fazendo um recorte bem pontual e pretendo deixar a parte metodológica já toda organizada. Pretendo finalizar essa minha pesquisa com parte desse acervo com um livro, o qual já se encontra em elaboração. É um desafio enorme. E essa pesquisa tem

mostrado o quanto éramos inovadores enquanto instituição e o quanto batalhamos para abrir novos horizontes de pesquisa. Acho que temos uma história muito bonita e eu espero conseguir escrever e deixar pronto para que ajude as pessoas a entender a importância do Instituto de Letras da UFBA e inspirar outros pesquisadores a aprofundar pontos que não vou conseguir pesquisar. É muito material para pouca vida. Mas eu estou feliz em poder estar fazendo isso.

8. Hoje, enquanto pesquisadora reconhecida e professora que dedicou-se e viveu imensamente sua carreira acadêmica, a senhora logrou, ao curso do tempo, um olhar acurado que compreende a diversidade dos trabalhos filológicos realizados no contexto baiano e nacional. Assim, quais seriam, em sua opinião, as áreas ou temáticas, dentro dos estudos filológicos, ainda pouco exploradas e que merecem uma atenção mais dedicada no futuro? Como a senhora prevê um futuro cenário da Filologia na Bahia e no Brasil?

Como eu tinha apontado antes, sinto que a Filologia que está se fortalecendo é a Filologia Textual. A pesquisadora ou o pesquisador vão trabalhar com os documentos históricos e com massas documentais diversas. E é um trabalho lindo de resgate de velhos papéis.

Algumas pessoas podem dizer: “Ah, mas a História faz isso”. O historiador, no entanto, olha de uma forma diferente para os documentos. Então, o que eu vejo como futuro no Brasil é esse movimento de ir para os arquivos e dessacralizar, porque a Filologia debruçava-se somente em documentos literários, o resto não era importante.

Essa vertente que eu acho interessante, uma Filologia indo ao encontro de documentos não-literários, mas que são importantíssimos para trazer elementos dessa cultura, haja vista que nossa história está em vários outros movimentos culturais e históricos, como as nossas revoltas, os nossos grupos populares, as nossas irmandades, dentre outros.

Assim, a Filologia vai contribuir bastante, porque o olhar filológico é mais completo do que o olhar puramente do arquivista. O arquivista só vai por uma ordem e dar acesso. O filólogo não consegue fazer só isso, pois nossa formação é mais completa. Nós olhamos para esses documentos e nos preocupamos em dar acesso a eles também, porém queremos interpretar e entender. Não queremos o texto pelo texto; queremos o texto para que ele nos revele a parte que consegue desse passado, a parte que ele consegue da nossa história. Então eu acho que essa é a grande contribuição deste projeto, que é esse material.

É um desafio enorme e, por isso, ele é interessante: com o mesmo documento, a gente pode dar diferentes edições para diferentes públicos. Hoje temos um grande

aliado que é o mundo digital. Podemos disponibilizar esse material (aquilo que não for sensível, evidentemente) *on-line* ou em plataformas mais acessíveis para os pesquisadores e público interessado. Enfim, sinto que esse é um caminho que vai ser muito promissor para a Filologia, além de ser uma enorme contribuição social.

9. Por fim, à luz de sua trajetória, quais conselhos a senhora daria à nova geração de graduandos, pós-graduandos e professores, tanto os de hoje quanto os futuros?

Para mim, a coisa mais importante para nós que estamos dentro de uma academia é que entrar nesse espaço não é o suficiente. É um desafio enorme, sobretudo para quem vem de uma realidade social muito desfavorável; na verdade, ter universidades públicas no Brasil é um ganho social imenso. Precisamos lutar pela sua continuidade e pelo seu respeito.

Ao olhar a história dos cursos de Letras, vejo que as pessoas se empenharam pessoalmente, seja com a compra de materiais bibliográficos para poder dar subsídios para o trabalho de sua área, ou com a compra de outros materiais e bens. Claro que temos que esperar o Estado assumira esse papel de prover os materiais e recursos, mas se essas pessoas não tivessem feito isso, a universidade não teria sido construída.

É importante que reconheçamos que no Brasil a educação não atingiu um lugar completamente estável. A sociedade ainda não reconhece a educação como basilar porque, se um governante cancela o carnaval, é uma verdadeira comoção e pode, inclusive, se transformar em uma revolução; quando se fecha uma escola, não há a mesma comoção. A sociedade ainda não entendeu que a educação tem um papel fundamental e transformador; por isso que a maioria trata a educação da forma que é.

Não temos que esperar por um governante, temos que construir isso dia a dia na nossa vivência social. Todavia, precisamos entender que a universidade precisa conversar com a sociedade. Como eu havia dito lá no início de nossa conversa, quando eu entrei, isso era um espaço completamente diferente: para usar uma metáfora medieval, eu podia me sentir em um castelo medieval, cercado de poços.

E esse discurso ainda está presente. Ainda está presente na ideia de “eu tenho que construir a minha carreira sozinha”, “tenho que brilhar”, “tenho que publicar” – nem que para isso eu tenha que renunciar outras coisas. E, então, ninguém quer contribuir. É importantíssima a questão da gestão, porque se não tivermos uma boa gestão, não avançamos. É preciso entender que a universidade inteira é de responsabilidade de todos nós: professores, servidores e estudantes. Tudo que produzimos aqui com nossas pesquisas, frutos de um árduo trabalho de estudo, temos que pensar em um modo de fazer com que chegue à sociedade.

Precisamos fazer essa interlocução e mais do que isso: temos que entender que, sim, a pesquisa é fundamental, mas qual é a razão principal da pesquisa na área de educação? Aplicar à educação. Pesquisa é o quê? Grosso modo, é a resolução de um problema. Se você tem um problema, você vai arranjar meios e ferramentas para resolvê-lo. E onde é que mais temos problemas? Na escola. Logo, precisamos entender que o professor é um pesquisador – e tem que ser.

Temos, então, que entender que a pesquisa é fundamental e que ela está no dia a dia. E que aqui estamos formando professores e pesquisadores. Temos que dialogar com a sociedade, pois, antes de tudo, é a sociedade quem paga por essa Instituição. Tudo o que produzimos é da sociedade. Nada é meu. O meu nome não é importante, ele pode até se tornar importante, mas não é ele que eu tenho que priorizar.

Penso assim, pois entendo que é isso que nos distingue dos brutos: o bruto está preocupado com a sua permanência na vida e o ter mais, enquanto é a sociedade, o coletivo, que troca e que faz. Essa sociedade é a sociedade efetivamente humanizada. Então o *Homo sapiens* conseguiu chegar aonde chegou (embora muitas vezes muito brutal) porque uma parte dele se preocupou com a comunidade. Não estou dizendo que temos que ser uma Santa Dulce, mas precisamos perceber que não somos o centro do universo. Aliás, já disseram isso há muito tempo. Já no fim da Idade Média já tinham descoberto que a Terra não é o centro do universo, que o Sol também não é. Como é que vamos ser?